

# Cultura também fatura

OTTO LARA RESENDE

*"La littérature est une sorte de luxe".*  
Albin Michel

No pouco que durou a euforia consumista do cruzado, até o livro pegou um vento favorável. Não sei se já há estatística sobre aquele momento de otimismo editorial e livreiro. Mas não é preciso recorrer a números. Deu para sentir a evidência. De resto, estatística, mesmo quando é séria, em país sério, se presta a manipulação. Há até um manual americano que ensina "how to lie with statistics". No Brasil, não temos o manual, mas mente-se adoidado. Só a contribuição oficial a respeito seria digna de um Prêmio Nobel, se fosse o caso de premiar essa arte (ou artimanha).

A festa do delírio consumista acabou logo, como é próprio das festas. Veio depois a ressaca, que é amarga. Como a vida não se acaba, sempre é possível encarar o futuro já não digo com otimismo, mas com serenidade. E tirar algumas lições da experiência. Ou da brutal frustração (mais uma). No caso do livro, que é o que me interessa aqui, o que se viu no ano passado é que o mercado existe. Falta é poder aquisitivo. No que sobrou um dinheirinho, o livro entrou no elenco dos objetos de consumo.

Se está correta a notícia, até as bibliotecas passaram a ser mais freqüentadas. A Biblioteca Municipal do Rio, idéia do Darcy Ribeiro no governo Brizola, vem recebendo mais visitantes do que era previsto. Mais uma vez se fala na dessacralização do livro. Não dou palpite nesse debate. Prefiro calar as minhas idéias, quem sabe o seu tanto excêntricas. Limite-me a dizer que a infinita distância entre o livro e o leitor potencial (ou o grande público, se quiserem) é apenas o buraco negro da miséria. Não há escolha entre o feijão e o sonho. O feijão é compulsório.

Nem por isto deixa de ter razão a tese de Doris Lessing. Não basta ser alfabetizado, deter a técnica da leitura, para que um cidadão se transforme num leitor. Há muita gente por aí que tem dinheiro de sobra e até sabe ler — e no entanto nunca abriu um livro. Se não me engano foi Virginia Woolf quem disse que o leitor naturalmente procura o livro, como o livro naturalmente procura o leitor. Mas isto é outra história e pertence ao capítulo da excentricidade. É o caso do leitor vocacional. Do cidadão que não pode passar um dia sem a dependência do vício impune.

O que me interessa aqui,

ainda que incorra na pecha infamante de elitismo, é o leitor comum. O povo anônimo, que de repente se animou com aquela história de que com uma penada o Governo tinha incorporado ao mercado milhões de brasileiros até então marginalizados. No país do futebol, vale até a estatística do chute — e chute de bico. A alegria do pobre é um dia só. Ilusório ou não, efêmero embora, o poder aquisitivo animou a galera. Cidadãos de segunda classe, titulares de direitos apenas no papel, sentiram por um momento o gostinho do poder aquisitivo.

Passada a febre, tudo voltou à apagada e vil tristeza de sempre. Ou pior: ao sufoco do rame-rame, da privação e do dinheiro curto, juntou-se mais uma decepção. No Brasil, o sangue do pobre já devia estar imunizado contra a ilusão. Mas a ilusão é uma doença endêmica, com surtos recorrentes. Se duvidar, pega até os miseráveis sem eira nem beira, os que hoje pertencem à elegante categoria dos pobres absolutos. Nada como uma nova nomenclatura. Na impossibilidade de mudar a realidade, muda-se o rótulo. Simples questão de maquiagem.

Como aconteceu nas Constituições anteriores, de 1934 para cá, há no projeto que a Constituinte agora discute um capítulo sobre a Cultura. Lá está dito que é obrigação do Estado organizar, manter e apoiar o funcionamento de bibliotecas. No mesmo capítulo, todo um artigo contempla o livro, ao lado de jornais e periódicos. Trata-se do artigo 24, cuja íntegra é a seguinte: "O Estado assegurará formas variadas de auxílio a empresas editoras de livros, jornais e periódicos de pequeno e médio portes, a fim de possibilitar a sua sobrevivência."

A intenção é boa, mas nem por isto levará o livro ao paraíso. Uma rápida pesquisa não estará longe de mostrar que há pelo menos meio século se vem legislando sobre o livro, com o intuito de protegê-lo. Nesse mesmo período, não têm faltado teóricos da cultura de massa para decretar a morte do livro. Exageros à parte, o melhor estímulo cultural, e também para o livro, é o aumento da renda e sua justa distribuição. O desenvolvimento, como o subdesenvolvimento, é um fenômeno global. Onde há saúde, educação e bem-estar, há cidadãos. Portanto, consumidores. E até leitores, aos milhares. Ou milhões.